

texto **Emanuel Pereira**
fotografia **Pedro Ramos**



Pedro e Grijó: uma relação de superação

Pedro Félix e o cavalo Grijó têm, há cerca de quatro anos, uma ligação especial. O cavaleiro de 22 anos e o cavalo puro sangue lusitano trabalham todas as semanas no picadeiro da Escola Superior Agrária de Coimbra (ESAC) com o objetivo de chegar aos Jogos Paralímpicos em 2024. A escassez de apoios ou a realidade do paradressage em Portugal foram temas da conversa com o jovem que é feliz e apaixonado pela equitação



Pedro e Grijó treinam quatro vezes por semana e querem estar nos Jogos Paralímpicos de Paris em 2024

●●● O sonho de estar nos Jogos Paralímpicos de Paris, em 2024, é um dos “combustíveis” da dupla formada pelo cavaleiro Pedro Félix e pelo cavalo Grijó. O cavaleiro de 22 anos, que nasceu em Lisboa, escolheu, com a influência paterna, a cidade de Coimbra para viver e estudar. É na Lusa-Atenas que treina e prepara a presença nas provas nacionais e internacionais de paradressage. “Todos os dias temos que ir trabalhando, aprendendo e sobretudo sentindo. Os cavalos são animais muito sensíveis e todos os cuidados que temos com eles, muitas

vezes, são poucos. Temos que estar sempre a tentar estar um passo à frente para que eles não se vão abaixo ou para que não pensem que está sempre tudo bem”, confidenciou ao DIÁRIO AS BEIRAS. Muito antes de segurar as rédeas ou de estar sentado na sela, Pedro já recebeu de Grijó uma calorosa recepção. Lado a lado, cavaleiro, cavalo e treinador definem a melhor estratégia para mais uma sessão de trabalho no picadeiro da Escola Superior Agrária de Coimbra (ESAC). “Só funciona bem se for em equipa. O cavalo é uma peça fundamental, porque sem ele não

existe este desporto, mas o treinador tem-me orientado de uma maneira fantástica”, destacou. Francisco Cancellata de Abreu é o treinador de Pedro. Com uma forte ligação aos cavalos desde tenra idade, o técnico de 70 anos reside em Anadia e é uma das referências nacionais no treino de atletas de dressage. “Ele [o Pedro] tem uma dedicação total. Essa é, sem dúvida, a primeira qualidade dele”, destacou. Seja a passo a trote ou a galope, o dressage exige uma ligação quase perfeita entre cavalo e cavaleiro. Visto de

fora quase se pode dizer que a modalidade requer uma dança sincronizada na perfeição. A atitude do cavalo, a submissão ao cavaleiro, a calma, a correção, a amplitude dos movimentos ou a postura do cavaleiro são alguns dos aspetos que interferem na avaliação dos juízes. “O ritmo é o primeiro aspeto a ser avaliado. Todas as passadas devem ser iguais e a silhueta do cavalo é o que conta. No paradressage há vários tipos de deficiências e não conta a posição do cavaleiro, o que é avaliado é a forma como o cavalo mantém a sua silhueta”, clarifi-

Títulos e rotinas

A paralisia cerebral condiciona toda a vida de Pedro, mas isso não lhe tira o sorriso da cara ou a ambição desportiva. A relação com Grijó é “especial” e a dupla, que já se sagrou campeã nacional de paradressage três vezes, tem brilhado além fronteiras, com destaque para a participação nos Jogos Equestres Mundiais de 2022, que decorreram em Herning, na Dinamarca. “Vamos ter provas internacionais em 2023, talvez duas, se tudo correr bem. Depois será o Europeu, que este ano é na Alemanha, em

setembro”, revelou Pedro Félix. A rotina semanal é exigente para alguém que concilia os treinos com as aulas da licenciatura em Enfermagem Veterinária da ESAC. “Monto segunda, terça e quarta-feira. Na quinta-feira, o cavalo descansa, para repor o corpo e as energias. Depois volto a montar na sexta-feira. Sábado e domingo são mais dois dias de descanso. Tento fazer esta gestão e dia a dia vou vendo como se encontra o cavalo”, assumiu. O primeiro contacto com o cavalo surgiu “aos quatro anos”, mas só mais tarde, já “com

nove, dez anos” é que a equitação surgiu de forma mais vincada e a sério na vida de Pedro. A influência do cavaleiro João Pedro Miranda acabou por ser decisiva. “Ele e a mulher incentivaram-me a fazer equitação de forma regular. Na altura vivia em Lisboa e foi lá que comecei”, referiu o cavaleiro.

Apoios escassos

A força de vontade, o rigor e a exigência de Pedro e do treinador Francisco têm sido cruciais



discurso direto

► São um sonho [os Jogos Paralímpicos Paris 2024]. Desde que comecei com este cavalo que ando a pensar nesse objetivo. Não tínhamos e não temos certezas se vamos chegar lá, mas é um objetivo que temos constantemente em mente



Pedro Félix

para o sucesso, mas para uma progressão contínua e uma afirmação a nível de resultados é necessário fazer provas, em Portugal e no estrangeiro. Sem patrocinadores, a ajuda monetária chega de uma bolsa do Comité Paralímpico de Portugal e da família. “Não tenho nenhum patrocinador fixo, as despesas são assumidas pela minha família. Integrei o projeto do Comité Paralímpico de Portugal e também recebo um apoio dessa entidade, falamos de um valor mensal”, clarificou. “Os cavalos envolvem uma logística financeira muito grande, desde os transportes às viagens de avião. Isto é muito caro e tem sido complicado. Andamos à procura de possíveis patrocinadores e esperamos, em breve, conseguir arranjar algum”, desabafou Pedro, que representa o Centro Equestre de Montemor-o-Velho. Telma e Nuno são quem acompanha o filho para as competições e a base de suporte de Pedro. “Dadas as dificuldades que se verificaram no nascimento do Pedro, ver este galopar na vida, o desenvolvimento, o gosto, a paixão e o prazer dele, isso é o que mais interessa. É isso que me dá mais alegria”, assegurou Telma Félix que assistiu ao treino.

“É um esforço muito grande para o Pedro e para a família. O único apoio que temos é o do Comité Paralímpico”, contou. Apesar das difi-

culdades, estar em Paris em 2024 pode ser uma realidade. “Eu julgo que ele pode estar nos Jogos Paralímpicos de Paris em 2024. Agora há muitas ajudas, principalmente a nível financeiro, que são necessárias”, frisou. Pedro é, citando Fernando Pessoa, um jovem com “todos os sonhos do mundo”. Se os apoios permitirem, o cavaleiro vai continuar a perseguir os seus sonhos, em conjunto com o cavalo Grijó, nos picadeiros de Portugal e do mundo.



discurso direto

► É um esforço muito grande para o Pedro e para a família. O único apoio que temos é do Comité Paralímpico. Este desporto melhorou e ajudou a vida dele. Eu julgo que pode estar nos Jogos Paralímpicos em 2024, mas há muitas ajudas, principalmente a nível financeiro, que são necessárias



Telma Félix

Qualidade dos cavalos tem vindo a crescer em Portugal

●●● Os cavaleiros portugueses estão a ganhar destaque e relevo a nível nacional e internacional. Um fator que tem contribuído para os resultados é a qualidade dos cavalos.

O treinador Francisco Cancellata de Abreu, com uma vasta experiência no treino, abordou a realidade lusa ao nível da criação de equinos. “A qualidade subiu bastante, mas ainda não subiu o suficiente. Ainda não podemos comparar a nossa raça nacional com as raças nacionais de outros países porque começamos mais tarde e com poucos criadores”, clarificou.

Críticas ao processo utilizado em Portugal

O treinador assume que é “muito crítico” em relação ao sistema usado em Portugal para a criação de cavalos de competição. “Estou sempre a “dar para trás” nas asneiras que se fazem e que são óbvias para quem entende um pouco de cavalos”, referiu Francisco Cancellata de Abreu que explicou o que está errado, na sua ótica, em todo o processo: “A maioria ainda não tem, com os cavalos que produz, ambições desportivas. Vamos continuar muito atrasados, vamos contra a natureza que é selecionar o melhor, aqui selecionamos o mais bonito de uma determinada raça, não escolhemos o que tem melhor performance”, lamentou.



Daniela Santos, vice-presidente da ESAC

Criação e manejo de equinos é uma das apostas da ESAC

●●● Um dos apoios essenciais para as atividades de Pedro chega da Escola Superior Agrária de Coimbra (ESAC). Para além de facultar o espaço para treinos e ceder os cavalos, a instituição que integra o Instituto Politécnico de Coimbra (IPC) também “abriu” as portas da sala de aula ao cavaleiro. Primeiro, Pedro concluiu o Curso Técnico Superior Profissional (CTeSP) em Maneio de Equinos e Equitação Terapêutica e agora está a tirar a licenciatura em Enfermagem Veterinária na ESAC. A equitação e a criação de cavalos são duas “artes” intrínsecas à ESAC. “A escola identifica-se já há muitos anos com a vida dos cavalos. Claro que isso é para manter. É uma das nossas prioridades e um dos nossos grandes esforços”, assegurou a vice-presidente da ESAC, Daniela Santos. A escola tem “cerca de três dezenas de cavalos” e faz vários protocolos com outras instituições nacionais e internacionais. O cavalo olímpico Rubi é um dos que tem ligação à ESAC, que para além da criação também aposta no aperfeiçoamento da raça através da genética. “Há a questão do melhoramento genético. Temos colegas a trabalhar nessa área que têm relação e acordos com os principais intervenientes. Nada se consegue sem a ligação internacional”, assegurou. O melhoramento genético e o ensino estão de lado a lado na ESAC. “Há um conhecimento grande me do que é o ensinar e o trabalhar com os animais, o manejo, o bem-estar animal. Temos essa responsabilidade para manter”, confidenciou Daniela Santos que revelou ainda que o CTeSP em Maneio de Equinos, “tem vindo a aumentar o número de inscritos” tendo contado, neste ano letivo, com “cerca de 35 alunos”.